

PREÇOS.
Por Anno... 85000 — Semestre... 42500 — Trimestre... 25400 — Mez (somente para Lisboa)... 5000 — Avulso... 40 — Anuncios... Cominucados, Correspondencias de interesse particular... 20 rs. — Resposta... 10 rs.
Toda correspondencia deve ser dirigida FRANCA DE PORTO ao escriptorio da redacção, largo do Intendente n.º 258.
As assignaturas para este jornal comecam nos dias primeiro e quinze de cada mez.

ANACÃO.

LOGAROS ONDE SE ASSIGNA.
Lisboa — Escript.º da Redacção — Lavado, rua Augusta n.º 3.
Porto — R.ª de St.º Ant.º n.º 77 e 78.
Coimbra — José de Mesquita — Rua das Covas.
Guimarães — Casa de João Ribeiro da Silva Mendonça e Freitas, Campo da Feira n.º 1.
V.ª N.ª de Famalicão — Casa do negociante Amaral.
Ponte Delgada — Typographia do Correio Michaelense — Rua do Garcia n.º 71.
Madrid — Redacção DEL CATHOLICO — Calle de la Puebla Vieja n.º 4.
Officina de LA ESPERANZA — Calle de Valverde n.º 6.

Et omnes surrexerunt, et spatia nudis dixerunt: nos liberi sumus, rex noster liber est. Ita volumus per nos, et per semen ejus post nos.
Cort. de Lam.

PORTUGAL.

LISBOA 9 DE ABRIL DE 1849.

A APRECIACÃO do que se passa nos templos constitue uma parte da missão do escriptor publico.

A religião de qualquer povo é o ponto mais importante da sua vida; prendendo com todos os grandes factos sociaes, é, por conseguinte, um objecto que chama naturalmente a attenção de todos os que teem a peito a sua felicidade, e a sua civilisação.

Na semana finda tivemos occasião de fazer algumas reflexões, que julgamos dever offerecer á consideração do prelado da Diocese em especial, e em geral á dos srs. parochos, do clero e do governo.

Os Officios Divinos da Semana Sancta, que acabaram de ter logar na capital, não nos parece que fossem feitos, em todos os seus pontos, como podiam, e deviam ser.

Vamos olha-los de tres pontos de vista.

Do primeiro vemos os ministros do altar; do segundo uma parte do culto; do terceiro o povo.

Sem nos occuparmos de algumas negligencias de ritual, e de outras faltas de menor monta, occupar-nos hemos, relativamente ao primeiro ponto com os srs. parochos e pregadores.

Seria para desejar que os reverendos parochos procurassem policiar as suas egrejas, suprimindo por esta fórma o que em outro tempo se alcançava só por influencia do espirito geralmente devoto.

Uma certa ordem, uma certa commodidade, e uma certa policia é hoje indispensavel nos templos, attenta a epocha, em que vivemos, agitada, material e tibia na crença.

Carece-se de ordem nas entradas e sahidas, e nos logares, que devem occupar dentro da igreja os diversos sexos, para que se evitem, quanto seja possivel, as irreverencias contra as quaes hoje não basta a repressão interior.

Carece-se de commodidade de assentos, e de estorvos ao aperto, para que o positivismo cá de fóra possa ainda materialmente achar-se bem lá dentro, demorar-se, e aproveitar demorando-se; ou, ao menos, para que a incommodidade, de qualquer genero, não provoque o enjão, as distracções, e consequencias menos christãs.

Carece-se finalmente de policia, que talvez em grande parte podesse ser exercida pelas irmandades, para que a auctoridade do parochos, delegada, vigiasse na ordem e na commodidade, e impozesse o respeito, que, infelizmente hoje não é a muitos inspirado pelo logar, e pelo sentimento interno de piedade e religião.

Aos srs. pregadores é forçoso dizer que não comprehendem a epocha, em que vivem. Fallamos em geral, com quanto as excepções sejam rarissimas.

Estudam os antigos sermonarios, em vez de estudarem a Biblia, os Doctores da Igreja, os grandes modelos, e sobretudo, e depois de tudo o tempo, este tempo em que hoje estão.

A eloquencia de pulpito é agora mais difficil que nunca, porque nunca os auditorios tiveram tanta necessidade della. As exigencias são maiores.

Os antigos sermonarios bastariam nos dias em que a intelligencia, nem traba-

lhada pela duvida, nem adormecida pela indifferença, escusava argumentos.

Os sermonarios derigiam-se principalmente ao coração, e isso bastava; prespunham grandes convicções, buscavam enternecer, enterneciam, e a missão estava completa.

Hoje é necessario maior trabalho; outros meios, outro caminho.

E' preciso fallar á intelligencia; ir lá esmagar a duvida, essa terrivel herança do seculo passado; despertar a indifferença, essa degradante philosophia do nosso seculo; interessar a imaginação, esse grande movel tão excitado, e por isso mesmo tão exigente agora.

O orador sagrado tem hoje obrigação de convencer, antes de commover, e para poder commover; de fallar ao pensamento, de subjeitar a cabeça antes de descer ao coração.

Precisa analysar bem a quem falla antes de fallar; precisa inspirar-se muito no livro da lei e no livro da epocha para abrir um deante do outro com segurança de triumpho.

No pulpito hoje não pode apparecer com fructo a oração, que não for bebida nas chagas gotejantes do seculo, e vestida de roupas tão magestosas que este seculo vaidoso se não atreva a levantar lá para cima os seus olhos cheios de soberba, sem os abaixar logo deslumbrados. Grandes convicções, e grande estudo são hoje coisas indispensaveis ao orador sagrado.

Tem de arcar com uma epocha instruida, e indifferente.

A indifferença mata-se com as crenças enraizadas; a instrucção subjeita-se com a instrucção.

Mas que vae por esses pulpitos? que ouvimos nós lá?

Trivialidades estafadas, ainda involvidas nas mesquinhas vestes com que pareceram grandes, ou que bastavam, para outros tempos em que o ouvinte estava sempre, e d'ante mão, do lado do pregador.

Não ouvimos sabir daquella cadeira o grande brado de que hoje se carece.

Nós, geração dos crimes espantosos, nós filhos da corrupção gigante, obreiros de todas as ruinas, temos necessidade de vozes mui altas, mui altas, que nos clamem de cima do pulpito, para que nos cheguem aos ouvidos; muito armados de saber, e de argumentação para que nos penetrem na intelligencia; muito temperados de affectos para que nos amoleçam o coração.

A patria enfezada de outras eras tinha força, era eloquente, porque a fé era viva, e bastava uma simples voz de álerta para todas as almas despertarem do seu ligeiro somno.

Agora o somno é profundo, e as vozes mais robustas correm perigo de não serem escutadas.

Todos os esforços são poucos, porque as crenças andam frouxas e desvairadas.

Estudem os oradores sagrados, estudem o tempo, em que vivem, e conhecerão de quanto precisam refazer a sua armadura, temperar as suas armas, ao entrar nos tremendos combates de seu tremendo ministerio.

Olharemos agora para uma das partes do culto, que nos parecen na practica em desharmonia com a gravidade da Religião.

Referimo-nos ao genero de certas musicas, que ouvimos em alguns templos.

Não podemos approvar a musica de theatro nas egrejas, como não gostaríamos de ouvir a musica de igreja nos theatros.

Se a musica é a traducção harmoniosa dos affectos, cumpre-lhe não os confundir e trocar, para ser uma arte verdadeira e util.

O coração do homem não se dirige a Deus do côro de um templo, com a mesma linguagem com que se dirige a outro homem, no tablado de um theatro.

A musica religiosa precisa de um tom solemne, de uma alta inspiração, de uma severa magestade, de uma especie de saudosa melancolia, e em fim de tudo o que lhe possa imprimir um certo character mystico, grave e sublime.

A musica dos templos deve casar-se de tal modo com a paz dos altares, que nunca tenha uma dessas notas profanas, que os fazem estremecer.

Ainda nos hymnos de festa não podem tomar-se nos templos os sons da alegria mundana. A igreja é solemne sempre, ainda na expressão do seu jubilo.

Se isto é verdade, como deverá ser a expressão da sua dôr!?

Se a enfeitam com as côres da opera, se não vertem no canto aquellas lagrimas sentidas mas desambiciosas de um affecto intimo, repassado da saudade do Céu, tememos as melodias da actriz moribunda, mas não os gemidos puros da lamentação do propheta.

Estes gemidos são os que convem aos labios do christão no templo.

Não queremos condemnar as egrejas á vivez do instrumental, nem queremos dizer, que se contente unicamente com o organo, o instrumento aliás mais proprio para acompanhar os cantos religiosos.

Todos os instrumentos lá podem e devem ir, queremos a musica em toda a sua plenitude; mas que esses instrumentos não levantem a voz com menos respeito, que a musica seja a que convém deante da Cruz, que não recorde nunca ao espirito as scenas dos logares de diversão.

Não nos mudem o theatro para igreja; não nos levem a igreja para o theatro; deixem que cada coisa esteja no seu logar.

Que idéas religiosas poderá inspirar uma musica, um dueto, um côro, que logo ás primeiras notas nos fazem lembrar tal opera, tal cantor, tal scena, ou todas as operas e todos os theatros?

Deste abuso, que parece innocente á primeira vista, nasce o tomarem muitos a igreja como divertimento, e irem alli com os pensamentos com que se vae para um camarote.

Na semana sancta estão fechados os theatros, não importa, temos tal igreja, que vale o mesmo.

Muda-se de logar, não ha os mesmos vestuarios, não se está tão commodamente, mas ouviremos os mesmos sons, a mesma musica, teremos a alma excitada pelas mesmas sensações.

E serão essas as sensações, que devem ser promovidas nos templos?

Se é progresso não gostamos de tal progresso.

E, todavia, não se pense que pretendemos attentar contra a habilidade de ne-

nhum compositor. Não nos referimos a nenhum facto isolado.

Pareceu-nos linda, lindissima, alguma da musica, que ouvimos, mas não a quizeramos ouvir naquelle logar sancto.

Se nos forem cantar ao theatro o *Stabat Mater*, ou qualquer outra coisa de egual genero, diremos o mesmo.

Resta-nos fallar do povo.

O nosso povo, em geral, é religioso por instincto, por sentimento e por educação; mas a vertigem revolucionaria, a que tem assistido ha annos, alguns effectos tem infelizmente produzido.

O respeito nas egrejas não é em alguns concorrentes o que foi em outro tempo, e o que seria para desejar, que ainda fosse em toda a gente.

Houve igreja que nos pareceu uma feira; tamanho era o rumor, tanto se fallava, tão alto e tão descomedidamente.

Dir-se-hia que aquellas pessoas se haviam reunido para assistir ao espectáculo.

Eis-ahi porque nós mais acima fallámos em policia, e acabámos de reprovar a musica theatral.

Na verdade, quando a crença não é sufficiente para impor silencio deante dos altares, é necessario auxilia-la com a auctoridade; e quando se cantam operas nos templos, é forçoso que o publico se engane, e julgue que está n'uma platea.

Com, effeito, notámos e sentimos, o modo porque vimos ser tractada a casa do Senhor, por alguns dentre este povo tão religioso!

O recolhimento, a meditação, as preces, o acatamento, e, quando menos, o silencio, faltava realmente em algumas egrejas.

Conversava-se em voz alta, ria-se, questionava-se, fazia-se uma especie de tumulto!

A separação dos dois sexos não era, em muitas, como devia ser.

A casa de Deus pareceu-nos, em varias partes, uma assembléa, um divertimento, e até uma praça!

Não estamos, de nenhum modo, animados por um espirito fanatico. Detestamos o fanatismo tanto como a impiedade.

Mas ou se professa, ou não se professa publicamente uma Religião.

Se não se professa, fechem as egrejas, ou convertam-n'as em estabelecimentos de diversão; não estejam a impôr ahi com esses edificios hypocritas, mas de uma hypocrisia que não aproveita a ninguem.

Se realmente se professa uma Religião é necessario, que se lhe preste todo o tributo que ella exige.

Não se force ninguem a crêr ou morrer como fazia Mafoma; não se levem os cidadãos amarrados ás egrejas, mas os que lá forem espontaneamente que estejam como deve ser, como ha direito para exigir que estejam.

Oh! pois marca-se aos espectadores de qualquer diversão uma certa linha de conducta, e não pôde exigir-se um comportamento grave dentro da igreja!

Cita-se ahi a Inglaterra para tudo em materia de civilisação, cital-a-hemos tambem neste ponto.

Ide ás egrejas protestantes, a essas casas nuas, que nada inspiram, que são uma verdadeira sala de reunião; mas vereis que silencio profundo, que respeito, que

devoção, só porque dentro daquellas paredes se lê e explica o livro da lei, a palavra de Deus!

E nós, cujos templos fallam á imaginação, á intelligencia, ao coração, e parecem levantar a alma ao Criador, nós vamos lá para manifestarmos um descomedimento, de que teríamos vergonha na casa de qualquer particular!

Não ha só impiedade neste proceder, ha uma grande prova de atraso, uma grande falta de civilisação.

Se nem todos os que vão aos templos querem orar, muitos ha ainda, por felicidade, que o querem fazer, e que vão lá para isso; com que direito, pois, hão-de aquelles estorvar e distrahir estes?

Se se embarça ali uma pateada no theatro, porque, sahindo de certos limites, é uma invasão nos direitos dos que gostam e querem gozar, porque ha-de ser permittido invadir a consciencia dos que rezam com o tumulto dos que não querem rezar?

Porque será mais sagrado o direito do theatro, que o da igreja?

Rematámos pedindo ao sr. Patriarcha, ao clero e ao governo, que olhem com seriedade para todos estes factos, que vae nelles uma grande parte, e a mais importante, do presente e do futuro dos povos.

A IMPORTANCIA das noticias estrangeiras, e interesse da correspondencia de Pariz, obriga-nos a retirar alguma parte official, e abster-nos por hoje de publicarmos as nossas reflexões.

Transcrevemos, do *Diario do Governo*, as seguintes noticias por adeantarem todas as recebidas pelo correio.

Por um correio extraordinario acabamos de receber noticias de Pariz até 30 do passado. Do *Journal des Débats* daquela data extrahimos as seguintes noticias sobre os importantes successos do theatro da guerra no Piemonte:

O marechal Radetzky atravessando o Tessino, em Pavia, na tarde do dia 20, sem o menor obstaculo, por uma ponte dependente da cidade, marchou direito a Mortara, estrada de Turim. Segundo o boletim que elle publicou, os piemontezes occuparam com grande força Mortara e Vigevano para cobrirem o seu flanco, que julgavam ameaçado, ao passo que o marechal se propunha a atacar-os de frente, como depois executou. Em quanto em Turim batiam as palmas por tão inesperada invasão, e pela temeridade do velho marechal; em quanto um diario ministerial dizia: *Ei viene a mettere nelle nostre mani*, tomava o archiduque Alberto Mortara á viva força, cinco peças de artilheria, mil prisioneiros, dez carros de munições, e uma caixa militar, enviando o exercito austriaco partidas de cavallaria ao sul, até Valenza, no Pó, (estrada de Mortara a Alexandria) e mandando passar o Sezia a uma de suas divisões que devia occupar Casale, também no Pó, a oito legoas de Mortara, na estrada real de Turim.

Resultava destes movimentos executados em dois dias mais, que desde o começo da campanha, metade do exercito piemontez combatendo em detalhe com divisões separadas, ficou maltratado, perdendo a força moral com repetidos choques que soffreu no principio da campanha. Resultou também, que cortado o Piemonte em duas partes na corrente do Pó, ficavam separadas entre si as tropas postadas ao meio dia deste rio, em Alexandria, Tortona, Voghera, na estrada de Placencia, e frente do duca de Parma.

O marechal Radetzky corria grande risco sobre o exercito piemontez se possesse reunir em força, passar o Pó em Valenza, e vir occupar Mortara, na retaguarda do marechal; porém este não deu tempo a elle, batido no Tessino, de se refogar; e também não cedeu á tentação de marchar sobre Turim pela estrada real de Triad, e Crescentino, que lhe estava completamente aberta. Esta manobra fôra mais decisiva, mas podia perdê-lo pelas indicadas razões.

Esperamos as particularidades ou batalha de Novara, que acabou a lucta. O nosso correspondente de Turim diz, como se verá, que Carlos Alberto se achou cercado naquella cidade. Nada podemos affirmar dos boatos que correram em Turim nos primeiros momentos; mas sabemos que elle se dirigiu a Nice para entrar em França pelo Var, como foi hontem annunciando pelo telegrapho de Toulon. Não se retirou, certo, ao Sezia superior, para Borgo-Manero, nem para Biella com as reliquias do seu exercito, porque estas duas estradas o conduzião á Suissa, ou á Saboia. Para ir a Nice, que jaz no centro do Piemonte, devia

passar por Turim, ou tornar esta cidade, se lhe não conviesse alli entrar depois da abdicção.

Reuniram-se em frente da capital, no campo de Chiavasso, todas as tropas que havia em Turim, bem como os guardos nacionaes mobilizados da capital. O exercito austriaco estava no dia 24 em Turim, a uma marcha de Chiavasso, e a duas de Turim.

A batalha de Novara pelejou-se no dia 23, durou até á noite, e foi na manhã do dia seguinte que as tropas da retaguarda evacuarão a cidade. Os restos do exercito retrocederam para Lago Maior.

Recebemos a seguinte carta do nosso correspondente de Turim, 25 de março.

Hontem á noite annunciou o telegrapho de Alexandria que se ouvia uma forte canhonada, que um pouco mais tarde se prolongára ao lado do Pó, na direcção de Casale, atacada pelo inimigo.

Passou-se a noite na mais cruel incerteza, porque a batalha devia ser decisiva.

O golpe de Radetzky não lhe fallou, conseguindo destruir o exercito piemontez para o lado de Verceil e Novara. O estafete esta manhã chegou trouxe-nos a noticia da mais completa derrota.

El-rei abdicou, quando se viu cercado em Novara, e não quiz capitular, nem assignar um tractado contrario ás suas convicções sobre a causa da independencia italiana. As reliquias do exercito recuaram para Borgo-Manero, Arona, e Lago Maior.

Ajuda não ha particularidades, que mais tarde chegarão. O correio vae partir, e nada mais sei para lh'o dizer.

Ha movimentos de que o ministerio não deu conta ao publico: tudo aqui está indignado, e cheio de consternação.

As facções despertam. Todos amaldiçoam o general Chrzanowsky, que com um exercito de 120,000 homens não fez um só movimento que mereça o louvor dos peritos na arte da guerra. Commetteu erros sobre erros, o primeiro trouxe consigo os outros, e nenhum soube elle reparar a tempo.

Os dois principes, duque de Saboia, e duque de Genova, bateram-se encarnadamente, e ambos ficaram feridos.

Os chefes é que nos perderam. O general Romarino, elevado pelos clubs deu começo ás nossas desditas, deixando entrar a divisão vinda a Garlasco, e a impericia do generalissimo Chrzanowsky rematou a obra.

O ministerio do partido da guerra, que tão fatalmente conduziu o Piemonte á ruina, será certo, obrigado a retirar-se. Os actuaes ministros não podem ser os orgãos da paz, e teme-se que Radetzky não queira tractar com elles. Os ministros de França e Inglaterra devem sair para o quartel general austriaco; porém até agora ainda não partiram.

O ministro de justiça, Sinéo, dirigiu uma circular aos juizes de todos os tribunaes e aos parochos, para que chamem o povo á defeza da patria, e o exhortem, para que cada um lance mão das armas que tiver, aproveitando até os instrumentos da lavoura, para fazer com elles guerra ao inimigo.

Os boletins publicados em Turim e Milão nada mais contém do que as noticias acima referidas.

Constava por noticias, á ultima hora recebidas, que o marechal Radetzky ainda não estava em Turim no dia 26. Dizia-se que elle exigia do Piemonte, como condições de paz, uma contribuição para as despesas da guerra, e a entrega ás tropas austriacas da cidadella de Turim, praça de Alexandria, e cidade de Genova, que serão occupadas pelos austriacos por espaço de seis mezes.

Os generaes Passalacqua, e Durando, morreram na batalha de Novara. O general Perron, que se dizia também morto, ficou apenas gravemente ferido; e se achava ainda em Novara.

Sabia-se por cartas de Turim do dia 26, que a camara dos deputados, o senado e a camara municipal se tinham declarado em sessão permanente.

Um tal Pesce, secretario do general Romarino, foi preso em Turim no dia 23.

Na bolsa de Pariz, ao receber-se a confirmação da noticia sobre a derrota do exercito piemontez, subiram logo consideravelmente os fondos assim francezes como sardos.

Lê-se no *Moniteur* de 30, o seguinte:

«Ao fechar-se a bolsa corria a noticia de ter chegado á Pariz um enviado austriaco, que foi immediatamente recebido pelo conselho de ministros no Elyseu Nacional.»

Também no *Journal des Débats* de 30 se lê o que se segue:

«Diz-se que o governo mandará pelo telegrapho ordem a Toulon para o embarque da divisão que se acha nesta cidade, e em Marselha. Estas tropas vão partir para Civita-Vecchia.»

«O presidente do conselho declarou hontem que o governo estava resolvido a affiançar a independencia e integridade do reino do Piemonte.»

CORPO LEGISLATIVO.

CAMARA DOS DEPUTADOS.

Sessão em 4 de abril de 1849.

(Presidencia do sr. Rebello Cabral).

Pouco depois do meio dia abriu-se a sessão, estando presentes 30 deputados.

Acta approvada.

A correspondencia teve o competente destino.

O sr. Passos Pimentel — participou que não compareceu á sessão d'hontem por encommodo de saude.

O sr. Assis de Carvalho — reclamou que a camara de fazenda desse o seu parecer a respeito do decreto de 19 de novembro de 1846 sobre a criação do banco de Portugal.

O sr. Mello Gouveia — apresentou um mappa demonstrativo das contribuições cobradas no districto de Leiria, e acrescentou que as censuras feitas ás diversas auctoridades dos districtos administrativos sobre o desleixo na cobrança das contribuições, não podiam ser applicadas ás auctoridades do districto de Leiria, porque a camara, pelo mappa que tinha a honra de mandar para a mesa, via que ellas foram cuidadas no cumprimento dos seus deveres.

Foi approvado o parecer da camara de poderes, sobre a eleição do sr. deputado eleito pelos açores, J. J. d'Almeida Monjardim, que foi proclamado deputado.

Tiveram 2.ª leitura diversos requerimentos e projectos de lei, que estavam sobre a mesa; os requerimentos foram approvados, e os projectos remettidos ás competentes comissões.

A proposta do sr. Corrêa Caldeira, apresentada na ultima sessão, relativamente ás religiozas do mosteiro de Santa Anna da cidade de Vienna do Castello, foi addida até estar presente o sr. m. da justiça.

1.ª PARTE DA ORDEM DO DIA.

Leram-se e foram approvados diferentes pareceres de comissões, sobre pertencções particulares.

2.ª PARTE DA ORDEM DO DIA.

Continuação da discussão do projecto n.º 13, sobre recompensas militares.

O sr. Presidente — expoz o estado da discussão, e pondo á votação a emenda offerecida, na sessão antecedente, pelo sr. Pereira de Mello, foi approvada.

N.º 6 — approvado sem discussão, assim como o n.º 7.

Artigo 3.º e n.º 1.º

O sr. Pontes Pereira de Mello — disse que concordava com a primeira parte do artigo, mas não com a segunda, e propoz a eliminação de algumas palavras.

O sr. ministro da guerra — explicou qual tinha sido o pensamento do governo a tal respeito, e que julgava poder se approvar o artigo, salva a redacção.

O sr. Corrêa Leal — também mandou para a mesa uma proposta.

Depois de mais alguma discussão, julgou-se a materia discutida.

A emenda do sr. Fontes de Mello não foi approvada.

Approvou-se a proposta do sr. Corrêa Leal, com uma emenda de redacção offerecida pelo sr. Pereira de Mello.

Entrou em discussão o n.º 2.º

O sr. Corrêa Leal — propoz uma emenda de redacção, que não foi admittida.

O sr. Fontes Pereira de Mello — declarou que também não concordava com as disposições do n.º 2.º do artigo 3.º, e depois de breves reflexões, concluiu mandando para a mesa uma proposta, para que se suprimissem as palavras — «sem augmento de posto.»

Admittida.

O sr. Palmeirim — deu varias explicações, por parte da camara, dizendo que aquelle artigo fôra muito debatido na camara, que a final se convencerá da justiça do que alli se estabelecera.

O sr. Ferreri — abundou nas mesmas idéas.

O sr. Lacerda (Antonio) — ponderou que os serviços feitos no Ultramar eram muito relevantes.

Que o governo devia promover a prosperidade das nossas províncias ultramarinas, que se deviam mandar para lá militares e empregados intelligentes, probos e interessados em promover tudo que tenda a engrandecer aquelle territorio.

Fez ainda varias reflexões, e concluiu dizendo que concordava com a emenda do sr. Fontes de Mello; mas que não devia abranger os officiaes que já lá estavam abranger.

lhe parecia que o artigo podia ser approvado, salva a redacção.

O sr. Pereira de Mello — offereceu, depois de fundamentar, como substituição ao artigo, o artigo do projecto original do governo.

Admittida.

Depois de mais alguma discussão, julgou-se a materia discutida, não foi approvada a emenda do sr. Fontes Pereira de Mello, nem a offerecida pelo sr. Pereira de Mello, e foi approvado o n.º 2.º do artigo 3.º da commissão salva a redacção.

Entrou em discussão o n.º 3.º

O sr. Castro Ferreri — propoz a eliminação da ultima parte.

O sr. barão de Francos — sustentou o parecer da camara, combatendo a emenda do sr. Ferreri.

O sr. Fontes de Mello — também sustentou o parecer da camara nesta parte, declarando que a proposta do sr. Ferreri podia ser approvada.

Os srs. barão de Francos e Ferreri fizeram ainda pequenas considerações.

Não havendo numero, que constituísse votação, ficou esta para a sessão seguinte.

O sr. visconde de Castro — apresentou duas propostas, que ficaram sobre a mesa para ter o destino competente.

O sr. presidente — observou que no sabbado trabalharia a camara em comissões, mas que senão abria a sessão. Convidou os srs. deputados a reunirem-se á deputação que ha de felicitar s. m. pelo seu anniversario. — Ordem do dia para terça feira a continuação da de hoje, levantou a sessão:

Eram 4 horas da tarde.

REVISTA DOS JORNAES.

DIARIO n.º 80.

PARTE OFFICIAL.

MINISTERIO DOS NEGOCIOS DO REINO.

Segunda direcção — Segunda repartição.

Decreto approvando os estatutos da companhia de seguros Fidelidade.

MINISTERIO DOS NEGOCIOS DA FAZENDA.

Thesouraria geral.

Em continuação do annuncio inserto no *Diario do Governo* n.º 66, publica-se que se expediram as ordens necessarias para o pagamento, no dia 14 do corrente, dos vencimentos do mez de setembro de 1848 (resto) das seguintes classes:

- Coaservatorio Real de Lisboa.
- Eschola medico-cirurgica de Lisboa.
- Dieta do exercito.
- Dieta polytechnica.
- Collegio militar.
- Eschola veterinaria.
- Dieta de equipação.
- Intendencia da marinha do porto.
- Estações civis de fazenda.
- Lycu de Lisboa.
- Professores do districto de Lisboa.
- Trabalhos estatísticos.
- Fabrica da polvora.
- Officiaes em commissão.
- Dictos em disponibilidade.
- Extinctas repartições não comprehendidas no decreto de 18 de setembro de 1844.
- Hospital da marinha.
- Observatorio.
- Mattas.

Thesouraria geral do ministerio da fazenda, em 3 de abril de 1849 — João Maria de Carvalho e Oliveira.

TRIBUNAL DO THESOURO PUBLICO.

Terceira repartição.

Venda de bens nacionaes.

LISTA 420 — A.

Arrematação perante o tribunal do thesouro publico, no dia 10 de maio de 1849.

Na importancia de 3:480,000

LISTA 421 — A.

Arrematação perante o tribunal do thesouro publico, no dia 10 de maio de 1849.

Na importancia de 5:177,360

LISTA 422 — A.

Arrematação perante os governadores civis dos districtos de Evora, Villa Real, e Braga no dia 14 de maio de 1849.

Na importancia de 250,460

LISTA 423 — A.

Arrematação perante o governador civil do districto do Funchal, no dia 30 de setembro de 1849.

Na importancia de 3:211,138

LISTA 424 — A.

Arrematação perante o governador civil do districto do Funchal, no dia 1 de outubro de 1849.

Na importancia de 2:077,788

Arrematação perante o governador civil do districto do Funchal, no dia 2 de outubro de 1849. Na importancia de... 3:020,520

Arrematação perante o governador civil do districto do Funchal, no dia 3 de outubro de 1849. Na importancia de... 2:310,450

NOTICIAS EXTRANHEIRAS.

(Correspondencia particular da Nação)

Pariz 29 de março. — Approveito alguns instantes, collidos, como de furto, a outras occupações indispensaveis, para communicar aos meus amigos politicos de Lisboa as grandes coisas que por cá vão. Escrevo com mais precipitação do que nunca, e ate sem tempo para poder tornar a ler o que sahir da penna. Se faltarem palavras, lá acrescentem aquellas que o sentido pedir; se a phrase for incorrecta, lá a atamanquem como poderem.

Ainda uma das minhas previsions sobre a marcha provavel dos grandes acontecimentos politicos da Europa, que acaba de realisar-se pela maneira a mais completa que se poderia imaginar. Carlos Alberto acaba de pagar, tão caro como eu lh'o tinha predicto, a sua temeridade: suicidou-se para que o não matassem.

E' mui bem feito! Quem mandou ao ambicioso monarcha romper tão temerariamente o armisticio que a Austria lhe tinha concedido, precisamente quando a victoria acabava de lhe pôr nas mãos a sorte do rei e do reino? Com que direito Carlos Alberto que, por graça dos tractados de Vienna, tinha recuperado a Saboia, e feito a acquisição do importantissimo ducado de Genova, a melhor joia da sua corôa, desembainhou a espada contra estes mesmos tractados, origem de toda a sua grandeza, procurando arrancar ao imperio da Austria a corôa de ferro, que as estipulações de Vienna lhe garantiram? Não era muito mais nobre, mil vezes mais leal, ou ao menos mais politico, continuar as conferencias de Bruxellas, e assentar nellas as condições de uma paz estavel e proveitosa?

Não estava Radezky bem descansado sem a mais pequena idea de invadir o territorio sardo, se a imprudencia de um inimigo vencido o não obrigasse a castigar-o? O resultado foi o que se devia prever.

Dorme o leão na cavernosa gruta,
E nos ermos de Zara afoita passa
Chusma brutal de feras,
Desgraça áquella, que intentasse ousada,
O generoso bruto
Aos brandos laços arrancar do somno!
Acordou? Já chamma a vista em fogo;
Na garra o sangue tem, na face a morte.
J. A. de Macedo.

Carlos Alberto, impellido pela cega fatalidade que o precipitava a uma ruina inevitavel, detenciou o armisticio no dia 12. No dia 20, depois de ter confiado o commando em chefe do exercito ao general polaco Chrzanowski, e contentando-se com o simples posto de coronel do regimento de Saboia, talvez para imitar o procedimento de Pedro o Grande em uma occasião similhante, atravessou o Tessino com a maior parte do exercito piemontez, e começou as hostilidades. Elle mesmo em pessoa, a pe, e á testa de uma companhia de atiradores, foi o primeiro que poz pé no territorio inimigo, plantando nelle, ao som das aclamações do exercito entusiasmado, a bandeira tricolor da independencia italiana: heroismo certissimamente digno de alto louvor, se o pensamento secreto de tanta coragem fosse unicamente o da emancipação da Italia, mas que pegando evidentemente em motivos de ambição e egoismo, mais proprio deve parecer para excitar indignação do que interesse.

Apenas Radezky teve noticia da marcha dos piemontezes, no mesmo momento dirigio ao seu exercito uma proclamação que terminava por estas palavras: a Turin! e se bem o disse, melhor o fez. Retiradas todas as tropas que fazião as guarnições de Modena, Parma e Placencia, formou dellas um corpo de 35 a 40.000 homens, e á testa delle atravessou o Pó no dia 21, internando-se pelo paiz inimigo, e deixando o grosso do exercito sardo na retaguarda. Este primeiro revez dos piemontezes, origem de todos os males, foi devido á cobardia sem exemplo da divisão lombarda, commandada pelo general Ramorino, e encarregada de defender a passagem do rio.

E' incrível a fraqueza com que, em occasião tão decisiva, se portaram estes mesmos valentes, lá pouco tão fanfarrões e corajosos unijamente contra os proprios governos quando se tracta de derribar ministerios á força de manifestações: basta dizer que, para ter mão nos

fugitivos, foi preciso que o duque de Genova mandasse fazer sobre elles fogo de metralha. O general que os commandava, foi quem pagou tamanha indignidade, de que elle teve a maior parte da culpa: preso, logo no dia 21, e mettido em conselho de guerra, foi fuzillado no dia 22, como merecia. A elle com effeito foi devido em grande parte o cobarde procedimento das forças do seu commando; e a prova é que estas mesmas tropas, agora tão pusillanimes, passando depois para o commando do general Fanti, em breve fizeram prodigios de valor na batalha decisiva, que em breve teve lugar, lavando nas torrentes de sangue que derramaram a vergonha da cobardia passada. O regimento 23 ficou quasi de todo aniquillado. Um unico batalhão incompleto foi quanto d'elle restou; e todos os soldados que o compunhão foram decorados pela propria mão d'el-rei, quasi no campo da batalha.

A manobra de Radezky, atravessando o Pó, como fica dicto, tinha por fim cortar o exercito inimigo em duas partes e bater as 2 fracções em separado, á moda de Napoleão. O exito correspondeu com rara precisão aos seus calculos. A batalha teve lugar no dia 24 na aldêa de Vespolate, entre Novara e Mortara. Os piemontezes ficaram literalmente aniquillados, mas não sem honra; Radezky, victorioso, marchou immediatamente sobre Turin, onde deve ter entrado a estas horas. Logo que a noticia desta desgraça constou em Turin, immediatamente o governo se lançou nos braços dos 2 embaixadores de França e de Inglaterra, pedindo-lhes que sollicitassem do inimigo um armisticio; se o conseguirem o que parece pouco provavel, não poderá ser senão á força de durissimas condições. Quanto a Carlos Alberto, perdidas todas as esperanças, batido e inconsolavel, abdicou no dia 25 a corôa em favor do duque de Saboia, e retirou-se pelo caminho de Nizza para França, onde se está esperando por elle a cada hora.

O procedimento do duque de Saboia na batalha de Vespolate é superior a todos os elogios. Muitos cavallos lhe foram mortos debaixo das pernas durante a acção; uma balla lhe atravessou o uniforme debaixo do braço direito; um golpe de lança de um croacico lho rasgou de soslaio em outra parte.

E' bello subir assim ao throno com esta farda assim atravessada de ballas, e esfrangalhada por lanças do inimigo.

A hora do correo que está chamando por mim, não me permite sahir de casa para ir saber maiores particularidades; tudo o que posso dizer é que está completamente verificado o que para ali mandei dizer em uma correspondencia já mui antes; quando fallei dos gritos desentoados que pareciam provocados dos dorres de parto com que a Italia se preparava para dar á luz a independencia italiana; «o termo desta especie de gestação politica ainda não é chegado; e se temerarios á força de abortivos o provocarem, o resultado só pode ser alguma especie de monstro informe, inteiramente destituído das condições de viabilidade indispensaveis para que dure.»

Não tenho tempo para me estender muito pelo miudo sobre o que é relativo á politica deste paiz.

A lei da suppressão dos clubs, discutida nas sessões dos dias 20, 21, 22, 23 e 24, foi occasião de uma grande victoria para o gabinete, e de um grande triumpho da causa da ordem sobre os anarchistas. Como era o ultimo entrincheiramento da revolução, necessariamente havia de ser deferido com resolução desesperada, e assim foi: organisou-se uma intriga de proporções colossaes, dirigida e capitaneada por Cremieux.

Gritou-se que o projecto do governo era uma violação flagrante da constituição, em que o direito de reunião tinha sido estabelecido como uma das principaes garantias da liberdade, e transformando este argumento, ou bom ou máo, em appellido de guerra, não menos de 250 deputados, com que entraram Marrast, Cavaignac e Lamoriciere, declararam que estando a constituição violada, recusavam continuar a tomar parte nas deliberações. Isto dizendo, retiraram-se todos da sala, e foram reunir-se no local da antiga camara dos deputados, que é contigua á actual. Viu-se então o extranho espectáculo da assemblêa nacional, retalhada em 2 fracções, deliberando ao mesmo tempo ao lado uma da outra, e enviando-se reciprocamente carteis de desafio.

Cremieux que se tinha feito presidente da anti-constituente, disse que, sendo o que acabava de se passar o germen de uma nova revolução, convidava todos os membros presentes a presistirem na resolução adoptada, e que a republica seria salva.

Este era certamente o desejo e a intenção de todos os patriotas que compunham o conciliabulo; tendo-lhes, porém, Goudehaux reflectido que a revolução, posto que justa, não seria accettata pela nação, entraram os menos corajosos a fraquear, e pouco a pouco se foi desfazendo esta especie de parelho parlamentar, regressando a maior parte dos 250 á sala das deliberações legais, onde a constituinte, por

falta de numero sufficiente, por um momento tinha sido dissolvida se não de direito, ao menos de facto.

O sophisma da violação da constituição, pela lei que se discutia, era com effeito assaz proprio para seduzir, graças, porém, ao immenso talento com que o deputado legitimista Laboulihe desinvolveu a questão, todas as obscuridades desappareceram, e a maioria plenamente convencida, votou como se desejava. «Não éo direito de reunião que se tracta de abolir, disse o orador, é o direito de club: o club com o seu character periodico e permanente. Nenhuma das antigas republicas conheceu os clubs. A dos estados unidos que os conheceu, conheceu igualmente a sua inutilidade e os seus perigos, e proscreveu-os, e é talvez a esta resolução que a republica americana deveu existir ainda. Os clubs não são com effeito senão verdadeiros semierros de revoluções. Com elles não ha governo possivel. Todas as desgraças que a França teve que lamentar desde a revolução de fevereiro, foram obra dos clubs. Se em 19 de março o governo não foi derribado por elles, a Deus o deve; e em abril o que os clubs pediam, segundo o proprio testimonho do nosso collega Lamartine, era um supplemento de revolução. Que o resultado inevitavel dos clubs ha-de ser a anarchia, é para mim evidente: tracta-se portanto de decidir se se deve sacrificar a França aos clubs, ou os clubs á França. Isto supposto, cuido que todos os grandes interesses nacionaes ficarão insufficientemente garantidos e protegidos, se no projecto do governo que tem o defeito de não ser sufficientemente explicito, segundo já reconheceu o presidente do conselho, for substituida a seguinte emenda da commissão: «Ficam prohibidos os clubs: não são considerados clubs as assemblêas publicas politicas, que se reúnem para discutir um objecto determinado, e sem periodicidade nem permanencia.»

Esta emenda satisfazia com effeito todos os escrúpulos legitimos, relativos ao direito de reunião, que ficava por ella bem protegido. O governo adoptou-a sem difficuldade; a maioria do mesmo modo; e não obstante a opposição dos patriotas, 404 membros em 705 votantes resolveram a questão a favor do governo, que obteve por consequencia, uma maioria de mais de cem votos.

Ganhada esta importante victoria no 1.º artigo do projecto, que era o essencial, os outros foram passando sem difficuldade, e toda a lei ficou votada na sessão do dia 24; porém a tranquillidade, com que a discussão se concluiu, foi devida a um incidente de pessimo agouro, que ainda se não sabe o que poderá dar de si. A Montanha, furiosa de ver escapar-lhe das mãos a arma, em que fundava todas as suas esperanças de uma nova revolução, não podia perder aquelles dos 250, que depois de terem feito causa com ella em um momento de irritação, a tinham depois abandonado, precisamente, quando a sua cooperação lhe era mais necessaria. Esta defeção arruinava inteiramente o plano dos patriotas; porém, ainda que sem esperanças, entenderam que ficariam menos de quem eram, se assim abandonassem a causa da anarchia. Logo no dia 22 publicaram um protesto, em que dizem que, tendo sido a constituição violada pela lei dos clubs, todos os signatarios se retiraram da discussão, e não continuariam a tomar parte, mesmo por meio de um voto contrario, em uma lei, que não podia ter outro nome senão o de attentado contra a republica. Este protesto foi assignado, primeiro por 81 deputados, depois por mais 28; e ao mesmo tempo que as folhas amigas o publicavam, organisaram os chefes do partido uma grande manifestação, que devia ter lugar antes da terceira e ultima discussão, annunciada para o dia 30. O governo, porém, estava alerta; e tendo-lhe constado que os afiliados das sociedades secretas tinham recebido ordem de reunião para o dia 26, logo no dia 24 começou a tomar as cautelas necessarias para prevenir a explosão. Desde a tarde do dicto dia não cessaram as patrulhas de circular por todas as ruas da capital. Cada patrulha reunia, pelo menos, a força d'uma companhia com armadas carregadas; e as instrucções dadas aos commandantes eram de fazer fogo sem hesitar sobre todo e qualquer tropel de gente, que encontrassem em flagrante delicto de barricadas.

A exactidão, com que todas estas ordens foram cumpridas, fez comprehender aos anarchistas quanto a empreza era ou arriscada, ou prematura. Fizeram-se, verdade seja, grandes esforços para sublevar a bicharia dos bairros de St. Martinho e Sancto Antão; porém as cicatrizes das feridas recebidas nas barricadas de junho estavam ainda demasiadamente miudias para poderem supportar a minima impressão, e os proletarios, que habitam estas especies de colmeias humanas, fecharam teimosamente os ouvidos a todas as suggestões. A vista disto, nenhum outro recurso restava aos patriotas senão o de dissimular, aos olhos do publico, a sua impotencia; e foi o que fizeram, dirigindo ao povo no dia 26 proclamações, em que lhe diziam que, sendo a manifestação annunciada para o dicto dia obra do governo, que só cuidava de

armar ciladas aos republicanos para ter algum pretexto de exterminal-os, instantemente recommendavam a todos os homens de coragem que se conservassem tranquilos, resistindo a todas as provocações, que lhes fizessem os realistas. Passou-se, portanto, sem novidade não só o temivel dia 26, mas todos os seguintes até ao momento, em que escrevo.

Está quasi chegado o momento, em que o 3.º cap. da Historia do futuro, que prometti em uma das correspondencias passadas, poderia sahir á luz; já o tenho escripto com todos os pontos e virgulas no pensamento; porém ainda me parece um pouco cedo para sahir ao conhecimento do publico. O desfecho da revolução franceza de 1848 ha-de espantar todo o mundo pelo inesperado das consequencias, que ha-de ter não sómente em Pariz, mas particularmente em Madrid e em Lisboa. Estou certo que nenhum dos mais belizes o adivinha, antes que eu lh'o diga. Je vous le donne en deux, je vous le donne en quatre, je vous le donne en mille.

Luiz Napoleão foi accusado em pleno parlamento no dia 21 de maquirar, de meias com um conventiculo estabelecido na rua de Sancto Honorato, a ruina da ordem de coisas estabelecida pela constituição. Attribue-se-lhe o projecto de abolir a dignidade de presidente, e de a substituir pela de um imperador electivo e decenal. *Il n'a sans dire* que o primeiro imperador decenal ha-de ser elle. Odilon Barrot repelliu, como pôde, esta accusação; porém de uma maneira tão pouco resoluta, que, ou em me engano muito, ou a coisa não é inteiramente sem fundamento.

Proudhon foi hontem condemnado por delicto de liberdade de imprensa a 3 annos de prisão e uma multa pecuniaria.

Recebemos folhas espanholas até 3 do corrente, e de Roma até 20 do passado.

Damos em seguida o que nellas encontramos de mais interessante.

ESPAÑHA.

As noticias do theatro da guerra são pouco importantes, merecendo apenas mencionar se um encontro, que teve o brigadeiro Pons com as facções de Focadell, Tristany e Coscó, em numero de 700 infantés e 70 cavallos, em Pons, juncto ao rio Segre.

Segundo escrevem de Sanahuja ao Fomento, a acção durou tres horas, sendo o resultado della serem desalujados os carlistas das posições, que occupavam, com perda de uns 40 a 50 homens entre mortos, feridos, apresentados e prisioneiros, e pela parte das tropas um soldado morto e quatro feridos.

Houve outro encontro entre o coronel Batlle e as facções de Planas, Calderer de Cal e outros, juncto a Villamayor, onde os carlistas foram batidos e obrigados a abandonar as suas posições: tendo, porém, vindo em auxilio delles o cabeçella Altmira com uns 200 homens, o dicto coronel Batlle viu-se obrigado a refugiar-se com a sua gente em uma casa de campo, á qual, tendo elles posto fogo, teve de abandonar, rompendo por entre os inimigos, e retirando-se para Villamayor. A perda de parte a parte foi insignificante.

Os outros encontros, de que fallam as folhas, não valem a pena de mencionae-se.

ITALIA.

O governo (espanhol) recebeu hontem e leu nas côrtes as seguintes partes telegraphicas:

1.º
Arun, 31 de março de 1849, ás duas horas e quinze minutos da tarde. — O consul de s. m. catholica ao exm.º sr. m. d'estado. — O consul d'Espanha, em Marselha, diz que no dia 24 foi completamente derrotado o exercito piemontez, consistindo a sua perda em uns 10.000 homens: que o rei Carlos Alberto se refugiou em França no ponto de Antibes, com o título de conde de Bourges, aonde espera os seus dois filhos que estavam em Nice.

— Interrompida pelo máu tempo. —

2.º
Arun, 1.º d'abril de 1849, ás seis horas da manhã. — Pariz 29 de março. — O embaixador de s. m. catholica ao exm.º sr. m. d'estado. — O exercito piemontez foi completamente derrotado em Novara no dia 25, e o marechal Radezky ia sobre Turim.

O rei de Sardenha abdicou em seu filho mais velho. Mr. Odilon-Barrot deu hontem conta de tudo á assemblêa, acrescentando que a França velava pela integridade do reino de Sardenha. Os fundos subiram.

— Interrompida pelo máu tempo. —

3.º
Arun, 1.º d'abril de 1849, ás 4 horas e 15 minutos da tarde. — Bayona, 1.º d'abril, ás nove horas da manhã. — O consul de s. m. catholica ao exm.º sr. m. d'estado. — O consul de Marselha diz que Carlos Alberto partiu no dia 28 para Pariz, por Aix; que os austriacos entraram no dia 27 em Turim, sem resistencia; que o marechal Radezky nomeou um governo provisorio, e que continuava a reinar alli tranquillidade.

— Interrompida pelo máu tempo. —

A ÚLTIMA HORA.

Pariz, 29 de março. — Eis aqui as partes telegraphicas lidas por mr. Odilon-Barrot na assemblea no dia anterior:

O ministro de França ao dos negocios estrangeiros.

Turim, 25 de março. — O exercito foi repellido até ás montanhas em Biella e em Borgo-Manero.

Os austriacos occupam Novara, Vercelli e Trino. Parece certo que o rei abdicou, e se refugiou na Suisa.

O duque de Saboya ainda não escreveu para Turin.

O governo solicitou de lord Abercomby, e de mim, que pedissemos um armisticio para cubrir Turim. Pusemo-nos á sua disposição, e partiremos logo que elle queira.

Turim está tranquillo: tudo está disposto para manter a ordem.

Procurae communicar isto a lord Normamby. — O consul de França ao ministro dos negocios estrangeiros.

Nice, 27 de março. — Carlos Alberto, depois de haver abdicado a favor do duque de Saboya, passou por Nice no dia 26 ás onze horas da manhã, em direcção a França.

O exercito piemontez foi batido em Novara, mas salvou a sua honra.

Outra parte telegraphica, datada de Toulon a 28 pela manhã, e chegada a Pariz, annuncia que haviam sido mortos dois generaes piemontezes no ultimo encontro com os austriacos.

As duas cidades, para onde se retiraram os restos do exercito piemontez, acham se situadas a 38 leguas de Pavia, ponto de partida do exercito austriaco. Biella acha-se a 20 leguas ao Norte de Turim, e Borgo-Manero a 12 ao nascente de Biella, entre o Lago Maior e o rio Sesia. A distancia que medeia entre estas duas cidades dá a intender que o exercito piemontez tornou a ser dividido em dois, durante os mortiferos combates do dia 24.

O boletim da Bolsa de Pariz, do dia 29, diz que os fundos, que principiaram em alta, desceram a final, ao saber-se que a commissão dos negocios estrangeiros da assemblea nacional ia propôr, de accordo com o ministerio, a occupação de Chambéry, ou Genova pelo exercito dos Alpes.

Não recebemos jornaes de Turim do dia 25, nem tambem haviam chegado a Pariz.

(Idem.)

ESPAÑA.

Balaguer, 22. — Não era Cabrera o que atravessou a estrada juncto de Tarrega, como lhes participei na minha anterior, mas sim os irmãos Tristany, e não foi Borges o que vadeou o rio Segre por Villanueva de la Barca, como tambem lhes communicava, mas sim os mesmos Tristany, que com 700 infantes e 90 cavallos foram a Albea, e d'alli a Algerri. Os Sansalou, e tornaram a passar o Segre pela ponte de Monches com direcção ás montanhas de Solsona.

(Corresp. da Reforma.)

Almansa, 24. — Já temos de novo em campo o chamado cabecilha Horta com 25 ou 30 miseraveis, que pôde enganar, da gente mais inútil de Yecla e Caudete, havendo feito a sua primeira façanha no dia 21 á noite em Fuente-Alamo, pequeno povo da jurisdicção de Chinchilla, e dirigindo-se na mesma noite, segundo se diz, á serraria de Yerte e Alcaez. Durante a sua estada neste povo exigiram algumas armas e rações e 2:500 reales. Tinha-me abtido de proposito, desde a minha anterior, de dizer nada sobre o tal Horta, intitulado coronel commandante geral do reino de Murcia, porque nos dois mezes, que o tivemos por estas immediaciones disfarçado em pastor, já só, já acompanhado de tres ou quatro desconhecidos, queria certificar-me dos seus projectos; e agora que são conhecidos, ver-se-ha que me não enganei nas minhas precedentes indicações, pois que, não podendo fazer nada no paiz pela vigilancia, que se tem observado, teve de fazer o seis ou oito leguas delle, sendo muito provavel que desapareça hoje mais facil e brevemente com o numero, que leva, do que no estado, em que d'antes se achava.

(Corresp. do Herald.)

Villena, 26. — A partida montemolinista, que percorre os confins desta provincia e os das de Albacete e Murcia, tem estafado 200 ou 300 soldados, sem que até hoje tenham podido dar-lhe alcance.

Practico já no terreno o cabecilha Horta, e auxiliado por uma mobilidade assombrosa, apparece no termo desta cidade, percorrendo o todo, interna-se em Bier e Castell, e se sabe que vae ser perseguido, passa em uma noite ao de Yecla, Jumilla, ou Almansa. Tem confidentes exactissimos e muito fieis, não ignora nenhum dos movimentos da tropa, e até sabe os nomes dos paizanos, que sahiram em sua perseguição.

Já se assegura que de Caudete se lhe uniram 20 individuos e 15 de Yecla, com os quaes invadiu a aldeia de Fuente-Alamo.

(Corresp. do Clamor.)

ITALIA.

O marechal Radetzky dirigiu aos piemonte-

zes a seguinte proclamação, que copiamos da Gazeta de Milão do dia 21:

Habitantes do Piemonte: — O vosso rei, como já vos consta, sem respeitar o direito das gentes, invadiu o anno passado os estados do imperador meu amo.

As minhas victorias repelliram este ataque sem exemplo nos fastos dos povos, e conduzi o meu exercito victorioso até ás margens do Tessino.

Se o vosso rei tivesse accedido a paz, que lhe foi offerecida, ter-vos-ia poupado a devastação e os horrores da guerra: tornou, porém, a romper as hostilidades; e cedendo ás suas vistas de ambição, ameaça de novo e com equal injustiça os Estados do meu imperador.

Obriga-me com isto a transportar o theatro da guerra para as vossas fertes planicies.

Não é, pois, a mim, mas ao vosso rei que deveis attribuir os padecimentos que este injusto ataque vos vae occorrear. Entro no Piemonte com o meu exercito para restituir de uma vez aos povos commovidos a paz e a tranquillidade. Não está na minha mão evitar as calamidades que a guerra traz consigo; mas, ao menos, a segurança das vossas pessoas e bens tem uma garantia na disciplina do meu exercito. Não tomeis parte na lucta dos exercitos.

Deixae aos soldados a solução deste negocio. Procedendo de outro modo, aggravareis os males da guerra sem obter fructo nenhum, e impossibilitar-me-heis de os tornar mais suaves no que depender de mim.

Nunca houve guerra mais injusta que a do vosso rei contra o imperador meu amo, nem houve no mundo outra mais legitima do que aquella, que me obrigam a fazer-vos.

Não estou animado como Carlos Alberto, do espirito de conquista: são unicamente a defender os direitos do imperador meu amo, e a integridade da monarchia, que se vê ameaçada pelo vosso governo, aliado deslealmente com a revolução.

RADEZKY.
(La Esperanza.)

MOVIMENTO MARITIMO.

NAVIOS ENTRADOS EM 4 DE ABRIL DE 1849.
Escuna portugueza Pomona, da Ilha do Fayal em 14 dias, com trigo e encomendas, a Ferreira e irmãos.

Patacho portuguez Salema, em 5 dias, em lastro, á companhia das pescarias.
Brigue prussiano Charlotte Grafín von Essen, de New Castle em 20 dias, com carvão, a H. James.

Patacho portuguez Maria Helena, de Liverpool em 10 dias, com fazendas, a G. Adam.
Escuna ingleza Speedwel, de Liverpool em 14 dias, com carvão, a H. James.

Barco Conceição Bomfim, de Setubal em 24 horas, com trigo e arroz.

NAVIOS SAHIDOS.

Cahique do arsenal Restauração.
Patacho portuguez Sacramento, para a Figueira em lastro.

Escuna portugueza Ferreira Segundo, para S. Martinho com encomendas.

Hiate portuguez Caridade, para a Figueira em lastro e pipas varias.

Bateira Senhora da Piedade, para Setubal em lastro.

Rasca União, para a Figueira com encomendas.

Brigue francez General Decaen, para Havre de Grace com urzella.

NAVIOS ENTRADOS EM 5 DE ABRIL.

Cahique do arsenal Restauração, do Mar da Barra em 2 horas, em lastro. — Destinava-se para S. Martinho, e vem arribado com avaria n'um mastro, tendo sabido deste porto, hontem 4 do corrente.

Brigue inglez Grove, de Sunderland em 24 dias, com carvão, a ordens.

Escuna ingleza Gularre, de Liverpool em 13 dias, em lastro, a W. Adam.

NAVIOS SAHIDOS.

Brigue portuguez Robim, para a Bahia com vinho e mais generos.

Barco S. Vicente de Alcaer, para Setubal com encomendas.

Chalupa ingleza Susan, para Sines em lastro.

Galeota hollandeza Adriana, para Maassluiz com sal.

Patacho inglez Eleanor, para St. Petersburg com vinho e cortiça.

Galeota hollandeza Jonge Jacobus, para Vlaardingen com sal, fructa e mais generos.

NAVIOS ENTRADOS EM 6 DE ABRIL.

Escuna hanoveriana Ludwigs Elise, de New Castle em 69 dias, com carvão, ao seu consul.

NAVIO SAHIDO

Hiate portuguez Ligeiro, para o Porto com encomendas.

Bordo da fragata Rainha, surta em frente de Belém, 6 de abril de 1849. — João Maximo da Silva Rodvalho, capitão-tenente, commandante.

NOTICIAS COMMERCIAES.

CEREAES.

Table with 2 columns: Item and Price. Includes Trigo do reino rijo a bordo, Cevada do reino, Milho do reino, etc.

METAES E PAPEIS.

Table with 2 columns: Item and Price. Includes Peças de 8000, Onças espanholas, Soberanos, etc.

FUNDOS PUBLICOS.

Table with 2 columns: Item and Price. Includes Inscrições de 5 por cento, Ditas de 4 por cento, etc.

ACCÕES DE COMPANHIAS.

Table with 2 columns: Item and Price. Includes Accções do Banco de Portugal, Ditas do Banco do Porto, etc.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

Jornal de sciencias, agricultura, industria, bellas-artes, noticias e commercio. Collaborada por muitos escriptores distinctos. Franca de porte para todo o reino e ilhas.

JARDIM LITTERARIO.

Publicou-se o n.º 14 deste semanario. Contém diferentes artigos de instrucção e recreio; como gravuras, e enigma pittoresco.

ANNUNCIOS.

As assignaturas para o jornal do Porto — A PATRIA — recebem-se no escriptorio do jornal — A Nação — largo do Intendente n.º 258, e na rua dos Capellistas n.º 52.

ASSEMBLEA PHILARMONICA. A direcção previne os socios de que no dia 14 do corrente, ha-de ter lugar a soriée, e em 26 o concerto harmonico.

VENDA EM LEILÃO.

508 Por intervenção do corrector da Praca do Commercio Lamarão, do espolio do fallecido sr. Roberto Lucas, consta de um rico serviço de louça de mesa, outro dicto de cristal, mobilia, tapetes, relógios inglezes, boas jarras de porcelana, candelabros, espelhos, 2, só o vidro com 10 palmos de alto e 6 e meio de largo, prata, roupás, harpa, livros, vinhos, cobre de cosinha, cabriolet, carruagem e muitos outros objectos, que estarão presentes — 3.ª feira 10 do corrente á 1 hora da tarde e dias seguintes ao meio dia, na casa do fallecido na rua d'Entremuros n.º 59 e 60.

ASSEMBLEA DA PENINSULA.

509 A direcção previne os seus socios de que o seu ultimo baile terá lugar no dia 12 de abril, no palacio onde esteve o ministro da Austria á Boa Morte n.º 83, e que os bilhetes de socios distribuidos para o dia 8 de fevereiro, tem entrada neste dia, menos os de convite, que serão novamente distribuidos.

510 Na loja do sr. João Paulo Martins Lavado, rua Augusta n.º 8, e só ahi, se vende a nova edição da Virgem da Polonia, pelo conselheiro Bastos, muito accrescentada; constituindo um grande bello volume de 422 paginas, não tendo sido o da primeira senão de 132. Seu preço 1200 rs. — As outras obras do mesmo auctor, tambem alli se encontram.

511 Muito perto de Lisboa, arrenda-se uma bella quinta em todo o sentido. Quem a pertender, falle com Christovão Antonio Leal Murteira, no escriptorio da Nação no largo do Intendente.

CASA DE NEGOCIO.

Rua da Prata n.º 61, 1.º andar, em frente do largo de S. Nicolau.

512 Esta nova casa acaba de estabelecer-se com um variadissimo e magnifico sortimento de fazendas modernas de todas as qualidades nacionaes e estrangeiras de seda, lã, linho, algodão, retroz, e diferentes miudezas. Vende-se por grosso e a retalho, por preços muito commodos e desenganadamente.

513 Antonio Faustino Sanctos Crespo, bacharel formado em direito (natural de Porto de Moz) tendo-se inscripto no n.º dos advogados em todos os tribunaes desta capital, offerece ao publico e ás pessoas da provincia o prestimo da sua profissão em qualquer causa; — podendo as mesmas dirigir-se ao escriptorio do Dr. Manoel Joaquim Cardoso Castel-Brauco, Thesouro Velho n.º 21, com quem o annunciante praticou de 1845 a 1846. Lisboa, 26 de março de 1849.

514 Rua do Arco do Bandeira n.º 70 A e B, vende-se superior vinho branco e tinto do proprio lavrador do Cartaxo, puro sem conleição a 80, 100 e 120 réis a canada; engarrafado a 40, 50 e 60 réis a garrafa; por duzia de garrafas 480, 550, 600 e 720 réis attestadas, lacradas e postas em casa dos freguezes.

HOTEL DO COMMERCIO E UNIÃO.

515 Rua dos Fanqueiros n.º 45, 2.º andar, o melhor tractamento que se pôde dar em Lisboa se dá neste estabelecimento pelo preço de 480 rs., podendo o hospede escolher o que quizer, almoçar e ceiar; tambem ha almoço, jantar e cea por 360 rs.; ha quartos mensalmente que ficam muito commodos; nesta casa toda a mobilia e roupas se encontram novas; recommenda-se aos srs. das provincias que se não illudam nos caes com as pessoas que os pertendem enganar, querendo levar-os para outras partes.

ESPECTACULOS.

THEATRO DE D. MARIA.

Hoje 10 do corrente — Os Mysterios de Pariz — Drama de grande espectáculo em 5 partes e 11 quadros, accomodado ao pensamento do romance do mesmo titulo, por Eugene Sue e Dinaux; traduzido por J. B. Ferreira.

CIRCO DE MADRID.

Quarta feira 11 do corrente, em beneficio — Volteio geral no qual o Clom Carvalho dará saltos mortaes — Exercicios equestres do joven José Ferreira com dois cavallos — A grinalda executada por mad. Cocchi — O cavallo patriarcha adestrado pelo director Cocchi, e varios outros. Finalisar o espectáculo com a dança — A derrota de Ramassano.

EDITOR — A. M. C. LACERDA CORONEL.

LISBOA — TYP. DE A. H. DE PONTES.

LARGO DO INTENDENTE N.º 258